

O SENTIDO DE REALIDADE

Francisco de Assis Duque*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar os fundamentos básicos, nas obras de Freud e Ferenczi, no que diz respeito ao sentido de realidade do sujeito em análise, seja nas experiências mais precoces, seja nas experiências edípicas. São fundamentos que dimensionam a capacidade de síntese do analisando nas diferentes formas de realidades psíquicas que se apresentam no *setting* analítico. Destacam-se a gênese do desenvolvimento psíquico do sujeito, bem como o sentido de realidade e seus estágios que se fundam com os dois princípios, o princípio de prazer e o princípio de realidade.

Palavras-chave: Freud. Ferenczi. Princípio de prazer. Princípio de realidade.

Abstract: This work aims to present the basic foundations, in the works of Freud and Ferenczi, regarding the sense of reality of the subject under analysis, whether in the earliest experiences, or in oedipal experiences. They are foundations that dimension the synthesis capacity of the analyst in the different forms of psychic realities presented in the analytical setting. The genesis of the subject's psychic development stands out, as well as the sense of reality and its stages that merge with the two principles, the reality principle and the pleasure principle.

Keywords: Freud. Ferenczi. Pleasure principle. Reality principle.

O exercício da prática psicanalítica coloca à prova, no *setting* analítico, nossa articulação do conhecimento teórico com a clínica diante dos adoecimentos psíquicos dos pacientes que nos procuram, o que só pode ser feito com qualidade a partir de uma boa análise pessoal e supervisão. Freud nos ensina que o psicanalista vai, com seus pacientes, até onde foi sua análise pessoal. O psicanalista precisa não só perceber os pontos cegos e as contratransferências, mas articulá-los em benefício da análise, conduzindo o paciente à simbolização.

Segundo Minerbo (2013), para Roussillon, demanda de análise é sempre “demanda de simbolização”. O paciente procura o analista movido pela necessidade de simbolizar o clivado ou o recalcado de sua história. É no *setting* que o processo de simbolização pode ser retomado. Nesse contexto, Roussillon afirma que o objetivo da psicanálise não é uma tomada de consciência de tudo, mas é integrar aquilo com que fomos confrontados. Ele coloca como

* Membro do Instituto de Estudo de Psicanálise do CPRS, Bacharel em Relações Públicas pela UCS, Pós-Graduado em Psicanálise e Educação.

objetivo atual da psicanálise a capacidade de sentir e de se sentir, ser capaz de ver e de se ver, ser capaz de ouvir e de se ouvir. E, ainda levando em conta o que Ferenczi chama de clivagem profunda, ser capaz de se sentir a partir de um ultrapassamento da clivagem profunda.

Para ter uma melhor compreensão do que Roussillon chama de experiências precoces, é preciso aumentar o conhecimento acerca dos dois primeiros anos de vida do sujeito. Ele se reporta a uma das notas de Freud no final de sua vida, quando ele estava em Londres onde se refugiava dos nazistas. Nessa nota, Freud retoma a questão da compulsão à repetição e traz uma ideia totalmente nova. Não salienta sobre a destrutividade e sim sobre outros dois elementos: diz que as experiências que mais se repetem são as experiências mais precoces, e que elas se repetem devido à fragilidade da capacidade de síntese do sujeito, enunciados que são fundamentais para toda a clínica contemporânea, diz Roussillon.

Nesse período embrionário de clínica, ainda em supervisão, tenho me deparado com diferentes formas de realidades psíquicas no *setting* analítico com pacientes neuróticos e também os ditos não neuróticos. Há pacientes que associam bem, outros nem tanto e ainda outros com bastante dificuldades de fazer associações. Essas experiências na clínica, além de me estimularem a identificar o sentido de realidade para cada paciente, bem como o meu diante de cada um deles, conduziram-me ao aprofundamento sobre a gênese do desenvolvimento da simbolização nas obras de Melanie Klein, Bion, Winnicott, Freud e Ferenczi.

Embora estejamos há mais de cem anos da criação da psicanálise por Freud, é sempre bom voltarmos à originalidade da fonte e encontrarmos ensinamentos tão caros à prática psicanalítica. Dessa forma, deparei-me com *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911).

Segundo Freud (1911), toda neurose tem como resultado e, portanto, provavelmente, como propósito, arrancar o paciente da vida real, ou seja, aliená-lo da realidade. Mais à frente, Freud afirma que o tipo mais extremo desse afastamento da realidade é apresentado por certos casos de psicose alucinatória e completa dizendo que, na verdade, todo neurótico faz o mesmo com algum fragmento da realidade.

Esse continua sendo o mesmo processo dos neuróticos e não neuróticos de hoje. Freud desenvolve, nesse artigo, os dois princípios do funcionamento mental, ligando o processo primário ao inconsciente, correspondendo ao princípio do prazer, e o processo secundário ao princípio de realidade, portanto, ao consciente. Abrem-se as portas para a investigação da relação dos neuróticos e da humanidade em geral com a realidade. Dessa maneira, a significação psicológica do mundo externo e real passa a fazer parte da estrutura da teoria psicanalítica. É a

partir dessa perspectiva de Freud que Sandor Ferenczi (2011) elabora um artigo intitulado *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*.

Ferenczi (2011), reportando-se a Freud, refere que ele mostrou que o desenvolvimento das formas de atividade psíquica própria ao indivíduo consiste na substituição do princípio de prazer, predominante na origem, e do mecanismo de recalque que lhe é específico, pela adaptação à realidade. É a prova de realidade fundamentada num julgamento objetivo. Dessa forma, do estágio psíquico “primário” surgirá, portanto, o estágio secundário, o do homem normal em estado de vigília.

Para Ferenczi (2011), no começo do seu desenvolvimento, a criança recém-nascida busca cobrir todas as suas necessidades sem esforço, mediante alucinações positivas e negativas. Com a ausência persistente da satisfação esperada, e somente com essa ausência, a decepção é que leva ao abandono dessa tentativa de satisfação de modo alucinatório. Então, para substituir esse estado, o aparelho psíquico teve de resolver-se a representar o estado real do mundo externo. Assim, foi introduzido um novo princípio de atividade psíquica, ou seja, o que era representado não era mais o que era agradável, mas o que era real, mesmo que tivesse de ser desagradável, a realidade.

Esses dois princípios, princípio do prazer e princípio de realidade, fundam a gênese do desenvolvimento psíquico do sujeito. Ferenczi se detém na questão de saber se é progressivamente ou por etapas que a forma secundária da atividade psíquica se desenvolve a partir da forma primária e, por outro lado, se é possível distinguir tais etapas ou descobrir seus derivados na vida psíquica normal ou patológica.

Para Ferenczi, existe um hiato entre os dois princípios do funcionamento psíquico. É nos aspectos profundos da vida psíquica dos neuróticos obsessivos, pesquisados por Freud, que Ferenczi busca um ponto de partida para tentar eliminar esse hiato. Para Freud, “os obsessivos que se submetem a uma análise reconhecem não desfazer-se de sua crença na onipotência de seus pensamentos, de seus sentimentos, de seus bons ou maus desejos”.

Segundo Ferenczi, o analista constatará que o obsessivo tem a impressão de que a felicidade dos outros, inclusive sua vida e sua morte, dependem de algumas de suas ações e de seus processos de pensamento, inofensivos em si mesmo. O obsessivo é compelido a evocar fórmulas mágicas ou executar uma ação determinada. São atos obsessivos substitutos de movimentos de desejo perfeitamente lógicos, mas recalcados porque eles são intoleráveis. Esses sintomas obsessivos se apresentam na forma de sentimento de onipotência, uma projeção da nossa percepção de ter de obedecer como escravos a certas pulsões irreprimíveis. Assim sendo,

a neurose infantil é o retorno a uma etapa infantil do desenvolvimento em que a atividade de inibição, de adiamento e de elaboração do pensamento ainda não se interpôs entre o desejo e a ação. O desejo é seguido do gesto próprio para realizá-lo, ou seja, um movimento de evitação da fonte de desprazer ou a aproximação de prazer. Há, no obsessivo, uma discordância movida pela coexistência inexplicável da lucidez e da superstição.

Para Ferenczi, a “megalomania da criança” quanto a sua própria onipotência não é, portanto, pura ilusão; a criança e o obsessivo nada pedem de impossível à realidade quando sustentam com obstinação que seus desejos devem necessariamente cumprir-se; apenas exigem a volta de um estado que existiu outrora, em que eram onipotentes. Ferenczi refere-se ao útero da mãe.

Segundo Freud (1911), cabe supor, em todo sistema que vive segundo o princípio do prazer, a posse de mecanismos que lhe permitem escapar aos estímulos da realidade. Assim é no sono e no sonho. Os desejos de satisfações pulsionais da criança evoluem de uma realização alucinatória sem percepção para depois, emitindo sinais motores ainda que inadequados, vá modificando a situação no sentido de seus desejos.

Dessa forma, “a identidade de representação” vai sendo seguida pela “identidade de percepção” satisfatória. Os desejos vão assumindo formas cada vez mais específicas à proporção do desenvolvimento. Com o recrudescimento das necessidades, tanto em quantidade como em complexidade, vão multiplicar-se não só as “condições” a que o indivíduo deverá submeter-se se quiser ver suas necessidades satisfeitas, mas também os casos em que seus desejos, cada vez mais ousados, não se realizarão, mesmo repetindo escrupulosamente as condições outrora eficazes.

Ferenczi designa os estágios de onipotência como fases de introjeção, e o estágio de realidade como fase de projeção do desenvolvimento do ego. Tudo parece indicar que a criança atravessa um período *animista* na sua apreensão da realidade, período em que todas as coisas se lhe apresentam como animadas, tentando reencontrar em cada coisa seus próprios órgãos ou seu funcionamento.

Para Ferenczi (2011), o psiquismo da criança, como a tendência do inconsciente que subsiste no adulto, confere, no que se refere ao próprio corpo, um interesse inicialmente exclusivo, mais tarde preponderante, pela satisfação de suas pulsões, pelo gozo que lhe propiciam as funções de excreção e atividades tais como chupar, comer, tocar as zonas erógenas. A atenção da criança é atraída, em primeiro lugar, para as coisas e os processos do mundo externo que lhe recordam, em virtude de uma semelhança mesmo longínqua, suas

experiências mais caras. Essas relações profundas se estabelecem, persistentes à vida toda, entre o corpo humano e o mundo dos objetos, a que chamamos *relações simbólicas*. É o estágio em que a criança só vê no mundo reproduções de sua corporalidade e, por outro lado, aprende a figurar por meio de seu corpo toda a diversidade do mundo externo. Aptidão para a figuração simbólica que representa um aperfeiçoamento importante da linguagem gestual. Tal linguagem permite à criança assinalar desejos que envolvem diretamente seu corpo e também a exprimir desejos que se relacionam com a modificação do mundo externo, doravante reconhecido como tal.

A incerteza quanto ao aparecimento da satisfação faz com que pressinta, pouco a pouco, que também existem potências superiores, “divinas” (mãe ou ama de leite), cujas boas graças é necessário conquistar para que a satisfação se siga prontamente ao gesto mágico. A criança adquire ainda mais confiança para figurar seus desejos e os objetos que cobiça com a linguagem sobrepondo-se a todos os outros modos de representação. O simbolismo gestual é substituído pelo simbolismo verbal. O simbolismo verbal torna possível o pensamento consciente na medida em que, associando-se aos processos de pensamento, em si mesmo inconscientes, confere-lhes qualidades perceptíveis.

O pensamento consciente por meio de signos verbais é, portanto, a mais alta realização do aparelho psíquico, a única que permite a adaptação à realidade, retardando a descarga motora reflexa e a liberação do desprazer. Contudo, a criança ainda preserva, mesmo nesse estágio do seu desenvolvimento, o seu sentimento de onipotência. Ela acredita realmente deter poderes mágicos, encontra-se no período dos *pensamentos e palavras mágicos*. É para esse estágio do sentido de realidade que parecem regredir os neuróticos obsessivos, incapazes de se desfazerem do sentimento de onipotência de seus pensamentos ou de suas fórmulas verbais e colocam o pensamento no lugar da ação.

Todas as crianças vivem na feliz ilusão da onipotência de que efetivamente se beneficiaram outrora, ainda que isso ocorresse tão somente no seio materno. Para Ferenczi (2011), depende do sobrenatural e da sorte elas poderem conservar esses sentimentos de onipotência ao longo da vida e converterem-se em *otimistas*, ou irem engrossar o contingente dos *pessimistas*, que jamais aceitam renunciar seus desejos inconscientes irracionais, sentem-se ofendidos e rejeitados pelas razões mais fúteis, e consideram-se crianças deserdadas da sorte. O reconhecimento de que os nossos desejos e pensamentos estão condicionados significa o máximo de projeção normal, de objetivação.

Para Ferenczi, o desenvolvimento do sentido de realidade apresenta-se em geral como uma série de sucessivos impulsos de recalçamento, em que o ser humano é forçado pela necessidade, pela frustração que exige a adaptação, e não por “tendências para a evolução” espontâneas. A realidade é um duro combate pela existência. Já o conto, no qual os adultos descrevem de bom grado para seus filhos pequenos seus próprios desejos insatisfeitos e recalçados, oferece uma representação artística extrema da situação perdida de onipotência.

REFERÊNCIAS

FERENCZI, Sandor. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. *Obras completas*. Psicanálise v. II. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio et al. (Orgs.). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2013.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

MINERBO, Marion. A metapsicologia da simbolização segundo René Roussillon. In: FIGUEIREDO, Luis Cláudio et al. (Orgs.). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2013.